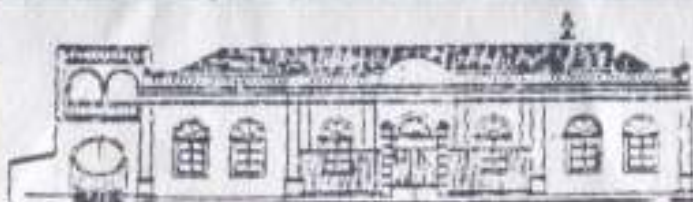


JOSÉ ANTÓNIO DE JESUS MARTINS

OLHÃO
UMA ALDEIA
DE
PESCADORES EM 1790
(Aspectos Socioeconómicos)

1994



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2615

Cota N.º 3-1

JOSÉ ANTÓNIO DE JESUS MARTINS

Índice

APRESENTAÇÃO

NOTA PRELIMINAR

CAP. I - OLHÃO: UMA ALDEIA DE PESCADORES EM 1790

1 - A Localização

2 - A Povoação

3 - A Povoação

4 - A Povoação

5 - A Povoação

CAP. II - PEDREZ CASTEIRO E A NOVA CORTA DA ALDEIA DE OLHÃO EM 1790

1 - O Casteiro e a Nova Corta

2 - O Casteiro e a Nova Corta

CAP. III - ADEUSTO SOCIAL

CAP. IV - NOTAS GERAIS

1994

Centro de Cultura José de Góes
Rua de Alameda

Biblioteca

Inv. N.º 2615

Cota N.º 3-1

OLHÃO
UMA ALDEIA
DE
PESCADORES EM 1790
(Aspectos Socioeconómicos)

FICHA TÉCNICA:

Título: *Olhão, Uma Aldeia de Pescadores em 1790*
(Aspectos Socioeconómicos)

Autor: *José António de Jesus Martins*

Edição: Edição do Autor

Impressão: *Empresa Litográfica do Sul, S.A.*
Vila Real de Santo António

Depósito legal n.º 54934/92

Agosto de 1994

Índice

	Pág.
APRESENTAÇÃO	5
NOTA PRELIMINAR	7
CAP. I - OLHÃO - UMA ALDEIA DE PESCADORES EM 1790	
1 - A Localização e a População	9
2 - A Pesca	9
2.1 - A Pescada (processo de secagem)	11
2.2 - O Azeite (processo de fabrico)	11
3 - As Condições de Vida dos Pescadores	12
CAP. II - PEIXES EXISTENTES NAS COSTAS DA ALDEIA DE OLHÃO EM 1790	
1 - Quadro I - Zona do Mar	15
2 - Quadro II - Zona do Rio	16
CAP. III - A QUESTÃO SOCIAL	17
CAP. IV - NOTAS FINAIS	19

NOTA PRELIMINAR

APRESENTAÇÃO

OLHÃO, Uma Aldeia de Pescadores em 1790 (Aspectos Socioeconómicos) é um Estudo breve sobre a história do concelho de Olhão na sua vertente económica e social que abrange a última década do século XVIII. Este trabalho foi um dos primeiros estudos de investigação realizados por nós em final de Licenciatura.

Os dados apresentados são bem conhecidos por quase todos os investigadores relacionados com a economia e sociedade Oitocentista, sobretudo de vertente regional. Contudo, a população de Olhão não os conhece, sendo actualmente uma cidade e um espaço socioeconómico bem diferente dos finais do século XVIII.

Passados estes anos surgiu a oportunidade de publicarmos este Estudo, curiosamente mais de duzentos anos após a publicação de parte dos manuscritos que fazem parte do acervo documental consultado para a elaboração deste breve apontamento sobre a economia e sociedade Olhanenses.

Finalizando, pensamos que com esta publicação ficaremos a conhecer um pouco mais de Olhão, e da sua vivência piscatória nos finais do século XVIII.

O AUTOR

NOTA PRELIMINAR

CAPÍTULO I

Como seria Olhão no século XVIII? Quais os seus problemas?

A estas e a outras questões tentaremos dar uma resposta. Pretendemos dar uma visão sucinta da **Aldeia de Olhão** no século XVIII, com base documental em Fontes da autoria de Constantino Lobo (B.N.L. Ms. 247 n.º 54) bem como de Mendonça Cortes (B.N.L. Cod. 9772), investigadores dos princípios deste século (exceptuando o primeiro) que dedicaram muita da sua Bibliografia aos problemas do Algarve, nomeadamente aos de Olhão de outrora.

Documentação que tem a particularidade de se reclamar do verdadeiro pensar dos pescadores de Olhão, os quais testemunharam ao próprio autor, Constantino Lobo, as suas aspirações, não escondendo um certo medo em virtude da apertada vigilância das autoridades do Antigo Regime Absolutista se fazer sentir nesta localidade do Algarve.

Conhecendo os pescadores Olhanenses como "os mais arrojados pescadores do Algarve", e que faziam as suas pescarias em mares distantes em acerca de "12-15 léguas para Sul e Sueste" (segundo os Manuscritos consultados), pretendemos dar um pequeno contributo para um melhor conhecimento da história Olhanense.

2 - A PESCA

Nesta parte de pescarias da Aldeia de Olhão acham um certo destaque entre as partes do livro as partes do Rio Moura, vazem, indicando as próprias espécies englobando na

CAPÍTULO I

OLHÃO UMA ALDEIA DE PESCADORES EM 1790

1 - A LOCALIZAÇÃO E A POPULAÇÃO

Olhão, nos finais do século XVIII (na década de 1790) era um aglomerado de cabanas de palha e de colmos (as chamadas **palhotas**). Existiam já algumas casas de alvenaria ou as chamadas *casas de pedra e cal*. Quanto à sua localização é-nos descrita como estando situada nas "margens setentrionais de um rio distante de Faro, uma légua que lhe fica ao Poente e distante de Tavira três léguas, a Nascente, e a duas léguas do serro de S. Miguel a Norte. Está a aldeia de Olhão situada sobre uma planície que é quase banhada pelas águas vivas dos mares".

Eram estas as palavras que se escreviam em 1790 acerca da localização de Olhão. Possuía 1 133 fogos havendo 2947 pessoas adultas e 469 pessoas jovens ou menores. As pessoas consideradas ausentes (ou que tinham saído da **Aldeia**) eram em número de 800. Os pescadores eram em número de 1 000, existindo 114 embarcações de pesca.

2 - A PESCA

Nesta época os pescadores da **Aldeia de Olhão** faziam um certo discernimento entre os *peixes do Mar* e os *peixes do Rio*. Mas, por vezes, indicavam as próprias espécies englobando na

sua listagem (descritiva) umas e outras. Isto iremos dar a conhecer um pouco mais adiante.

A pesca realizada no mar fazia-se acerca de "20 linhas de água", enquanto a do rio oscilava entre as "2,9 e 22 linhas de água". As pescarias dos pescadores Olhanenses eram feitas em vários locais. Faziam-nas no local denominado "o nosso Mar"; no sítio do "mar do Charnal"; no "mar de Santa" e no "mar de Barlavento". Algumas espécies capturadas na zona do rio eram os Chocos, as Lulas, entre outras. As efectuadas na zona do mar eram as Pescadas, as Pailonas, os Gorazes, etc.

Alguns pescadores utilizavam nas suas capturas a "redinha", o "tresmalho", "os anzóis", "as piteiras", os "espinhéis", os "francados", as "murejonas", os "pexeiros", as "cholras", as "talas", as "gorareiras", os "carrinhos" e as "redes". Mas nem todos usavam os mesmos "aparelhos" consecutivamente. Havia alternância.

Temos conhecimento que em Olhão existiam em 1790, três "redinhas" e cinco "tresmalhos". Quanto aos outros aparelhos não se tem conhecimento do seu número. A "isca" utilizada era constituída pelo choco e pela sardinha. As espécies de peixes em maior número existentes nas costas de Olhão eram a Pescada, o Goraz, o Cachuxo, a Cavala, o Cação, a Raia, a Pailona e o Caroxo, isto por ordem decrescente de espécies capturadas.

O pescado capturado era enviado para o Alentejo e Lisboa, bem como para o estrangeiro, nomeadamente para Espanha. Isto no estado de salgado. No seu estado fresco era enviado para Faro, Tavira, etc. Desnecessário será dizer que o pescado capturado tinha também consumo na própria **Aldeia de Olhão**.

Espécies como os Caroxos, as Pailonas, os Cações, os Guelmes, as Raias, os Peixes Pregos, as Lixas, etc., eram denominadas por *peixes de couro*.

Estes *peixes de couro* eram secos quase na sua totalidade. Eram-lhes retiradas as vísceras, assim como as peles. Depois de cortados eram expostos ao sol. Para que o peixe ficasse estendido convenientemente, eram-lhes colocadas canas. As peles retiradas aos Caroxos e às Pailonas eram vendidas para o Reino Unido.

2.1 - A PESCADA (O processo de secagem)

Um caso típico de secagem era o da Pescada. Estas eram vendidas em grande quantidade. Tinham uma preparação muito curiosa. Às Pescadas eram-lhes retiradas as peles, sendo posteriormente salgadas durante vinte e quatro horas. Após este período eram lavadas e de novo eram colocadas ao sol. Isto era efectuado durante o Outono até ao início do Verão, visto ser durante o Verão impossível de se concretizar devido à temperatura elevada desta estação do ano. Mas esta espécie de "squale" tinha, contudo, os seus inconvenientes de ser salgada. Vejamos: Tinha os seus inconvenientes devido à humidade ambiental o que facilitava a degradação desta espécie de pescado. Por outro lado, devido à sua coloração amarela, sinónimo de gorduras, mostrava-se com mau aspecto para ser comercializada e por último, devido ao período de secagem não ultrapassar um ano, fazia com que a Pescada não servisse para exportação passado este período de tempo. Outras deficiências também são de assinalar nomeadamente a grande quantidade de sal exigida para a salga do pescado ser por vezes superior à exigida, fazendo com que a Pescada apresentasse uma cor avermelhada e o seu gosto tornava-se pouco saboroso.

2.2 - O AZEITE (O processo de fabrico)

O peixe capturado também tinha outra vertente de utilização. Estamos a referir-nos à fabricação de azeite. Este era conseguido a partir dos fígados das Pailonas, Caroxos, Guelmes, Cações, Raias, Pescadas, Peixes Pregos, etc. O azeite era deste modo preparado: Os fígados eram desfeitos aos pedaços e colocados num recipiente que ia ao lume. Estes pedaços eram cozidos conjuntamente com azeite já feito de uma preparação anterior. Uma vez estes pedaços dissolvidos, o azeite estava preparado. Este azeite era consumido por todo o Algarve, sendo Olhão a única localidade que fabricava este tipo de azeite. As ovas da Pescada também tinham muito consumo entre a população de Olhão.

3 - AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS PESCADORES

Os pescadores de Olhão em 1790 eram dos grupos da população portuguesa com maior número de impostos e de sobrecargas fiscais até então conhecidas. No que diz respeito à habitação, por cada "vara" de terreno eram-lhes cobradas de 30 a 40 moedas da numária existente. Cada casa equivalia ao pagamento de 120 a 400 moedas da referida numária.

Havia uma enorme carência de infra-estruturas para apoio à pesca, nomeadamente um cais de abrigo, bem como de uma barra para impedir a devastação das águas do mar aquando das marés vivas. Estas invasões do mar eram de tal modo devastadoras que chegavam a penetrar na **Aldeia** até às proximidades do poço de água doce existente nesta localidade. A altura das águas do mar iam até dois palmos de altura do referido poço.

Em virtude destas calamidades muitas pessoas tinham de se ausentar para procurar melhores condições de vida (o que comprova as migrações sazonais na procura de condições de subsistência). As pessoas consideradas ausentes eram em número de 800.

Um dos outros problemas que se deparavam aos pescadores da **Aldeia de Olhão**, era a utilização dos "aparelhos" de pesca. Podemos dizer que estes eram mal utilizados. No que concerne às redes estas eram inadequadas para a captura de pescado. Locais onde elas deviam ser utilizadas não o eram. Por exemplo, na denominada pesca do "Alto Mar" a captura de pescado era, na sua maior parte, feita à linha. Em zonas perigosas eram utilizadas as redes. Como resultado, as redes eram desfeitas pelas rochas e pedras e o pescado fugia em enormes quantidades. Nas zonas de grandes correntes eram, também, utilizadas as redes. Quando as redes se rompiam, em plena pesca, eram remendadas no próprio local e nas piores condições.

Mas, poder-se-ia perguntar: Porque é que isto acontecia? Em virtude da falta de conhecimentos dos pescadores? Em virtude de uma eventual mentalidade específica deste grupo profissional?

Não pensamos que assim fosse. Isto tudo acontecia em virtude das dificuldades que os pescadores da **Aldeia de Olhão** sentiam no seu quotidiano.

Se faltavam redes, era porque não tinham condições para se fazer a sua aquisição. Todo o peixe capturado estava sujeito a impostos de variada índole. Quando o peixe era capturado longe de Olhão e se não era imediatamente salgado num espaço de quarenta e oito horas estava sujeito ao imposto de como se tivesse sido consumido em fresco. Devido às grandes pescarias efectuadas nestas costas, os "Oficiais das Portagens" impunham cargas fiscais demasiado pesadas para estes pescadores. Muitas vezes eram reavivados velhos impostos para se sobrecarregar os pescadores. Outras vezes inventavam-se cargas fiscais que nunca tinham existido. Por exemplo, impostos eram cobrados aos Chocos e às Lulas, prática que se desconhecia e que causava revolta às gentes do mar.

Podemos dizer que já em 1790 os pescadores da **Aldeia de Olhão** começam a ganhar com as suas transacções nas costas do sul de Espanha. Isto acontecia com a localidade de Cádiz. Mas, a verdade é que devido à sobrecarga de impostos, os pescadores Olhanenses não conseguiam tirar proveito das suas "artes" e estabelecerem os seus direitos como gente e como população que eram do Reino de Portugal e do Algarve.

Que peixes se pescavam? Que distinção era feita entre os *peixes do Mar* e *os do Rio*? Com todas as suas limitações (e indicação de peixes do Mar e do Rio) iremos dar uma listagem (segundo a documentação consultada) das espécies conhecidas até à data.

Choco

Carapau

Suca Gorda

Boga

Estroga

Bolacha

Bonafina

Bolacha e Vassilha

Molga

Rainha

Palmar

Pancho

Pardal

Pargo

Pardal

Rainha

CAPÍTULO II

PEIXES EXISTENTES NAS COSTAS DA ALDEIA DE OLHÃO EM 1790

1 - QUADRO I - Zona do Mar

Alvacara	Bica
Areganhada	Dourada
Atuninha	Dentão
Arraia	Dentudo
Cabra	Espadarte
Cação	Fanequa
Corneija ou Pintaroxa	Enxova
Cobro	Gallo
Canabota	Garoupa
Cachuxo	Goraz
Carapau	Judeo
Carucho	Leitão
Cavala	Lixa
Cornuda	Marraxo
Chaputa	Melga
Chixarro	Nero
Barroro	Pailona
Boca Doce	Pampalo
Boga	Pardelha
Borregata	Pargo
Boqueirão	Paxoca
Borrachudo	Pescada
Besugo e Masaiste	

2 - QUADRO II -Zona do Rio

Anjo	Safio
Aranha	Salmonete
Azevia	Sargo
Choco	Sargo Bicado ou Viado
Baila	Tagana
Bindia	Tramelga
Dourada	Viola
Moreia	Polvo
Palometa	Piqua
Eiroz ou Enguia	Pataroxa
Liça	Peixe Agulha
Linguado	Peixe Porco
Manta	Peixe Pregoeiro
Mucharra	Peixe Pau
Muge	Peixe Rato
Negrão	Peixe Trombeiro
Olho de Boi	Peixe Voador
Palometa	Recrame
Parracho	Ruaz
Peixe Bispo	Roncador
Peixe Rei	Peixe Roda ou Rodim
Rascaso	Ruivo
Robalo	Tuxo
Safata	Xuxo
Salema	

CAPÍTULO III

A QUESTÃO SOCIAL

Se os pescadores pagavam, e muito, também teriam de ter algumas regalias. Para terem direito a "Botica" e a "Mortalha", os pescadores da **Aldeia de Olhão** tinham que pagar para a Casa do Compromisso que funcionava (na época) como uma espécie de "Confraria da Sr.^ª da Conceição". Para o Pároco da **Aldeia** pagavam *"per capita"* 200 moedas e cada embarcação tinha uma certa quantia estipulada para a dita Paróquia. Em dias santos não podiam pescar, salvo com autorização do Pároco. Podemos dizer que também se efectivava pesca nestes dias, pois, se estivesse bom tempo os pescadores iam para o mar e deste modo todos ganhariam proventos. Mas isto nem sempre acontecia.

Uma das causas apontadas para a perda de vidas humanas na **Aldeia de Olhão**, era devido ao grande surto de pirataria nas costas de Olhão, tanto ao nível de populações vizinhas, como daquelas que iam para o norte de África. Os mares mais ao sul eram os mais perigosos para os pescadores. Também as más condições atmosféricas são apontadas para este declínio da população Olhanense. Em 1797 foi tomada uma embarcação contendo 14 pescadores e em 1798 pereceram nas costas dos mares mais ao sul 18 pescadores.

Neste decénio do século XVIII os pescadores de Olhão tomaram conhecimento da passagem de uma baleia nestas costas. A sua vontade em capturar o dito cetáceo foi tão grande que muita população ocorreu para efectivar a sua captura. Mas o resultado foi um

desastre. Não haviam "aparelhos" capazes nem as águas eram necessariamente profundas para que a baleia se pudesse mover e permanecer por algum tempo nessas paragens.

Azava

Onoco

Bala

Borda

Donat

Maria

Paloma

Elas e Enola

Lia

Sargo

Sargo de Cabelo ou Vado

Tapeta

Trameta

Caratulo III

Maré

A QUESTÃO SOCIAL

Exatidão

Alguns outros

Se os pescadores pagavam o muito, também tinham de pagar algumas coisas. Para serem aceitos a "Bota" e a "Molhada" os pescadores da Aldeia de Orlão tinham que pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Para o Povo da Aldeia de Orlão, com "por cerca de 200 pessoas vivendo em uma aldeia", durante a época de pesca, em dias santos, em dias de festa, além de pagar o aluguel da casa, também tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Mas também tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Uma das coisas que os pescadores da Aldeia de Orlão, em Orlão, tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Mas também tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Uma das coisas que os pescadores da Aldeia de Orlão, em Orlão, tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão". Mas também tinham de pagar para a Câmara do Comendado ou para a Câmara (na época) como uma espécie de "Contribuição da Aldeia de Orlão".

Neste decênio do século XVII os pescadores de Orlão tinham conhecimento da existência de um país nessas costas. A sua vontade em capturar o que estava ali era grande, mas não podiam fazer porque não tinham a sua captura. Mas o resultado foi um

CAPÍTULO IV

NOTAS FINAIS

A concluir este Estudo podemos tirar algumas linhas de força sobre o estado da população Olhanense em 1790: Podemos dizer que as embarcações de pesca tendiam a crescer ao longo do século XVIII; das chamadas **palhotas** passou-se para as denominadas **casas de alvenaria**, assim como este grupo profissional era demasiado sobrecarregado em impostos.

Em 1790, Olhão era uma **Aldeia** de pescadores. O peixe era a sua principal fonte de rendimento. Já se dizia que o peixe estava a faltar.

Passados mais de duzentos anos o que diriam os homens desse tempo se hoje estivessem entre nós?

De "Lugar de Olham" (séc. xiv), a Freguesia no século xvii, esta povoação aqui analisada sob o ponto de vista da historiografia do século xviii (1790) transporta-nos para uma realidade vivida e testemunhada pelos próprios intervenientes e que são nem mais nem menos os próprios Pescadores de Olhão dos finais de Oitocentos.